

Novo gigante do couro é formado no Brasil

Empresas nacionais JBS Couros e Grupo Viva anunciaram ao mercado, no fim do mês passado, a união dos seus negócios

MICHEL POZZEBON

michel.pozzebon@gruposinos.com.br

Duas empresas brasileiras se uniram para criar uma gigante da indústria mundial do couro, com capacidade para processar 20 milhões de peles por ano. A JBS Couros e o Grupo Viva – fusão da Viposa e da Vancouros, com faturamento da ordem de R\$ 3,1 bilhões –, anunciaram ao mercado, no dia 25 de novembro, a formação de uma nova companhia, a JBS Viva. No fim do ano passado, o Grupo Viva havia adquirido um curtume da Marfrig por R\$ 100 milhões.

Com 31 fábricas e 11 mil colaboradores, distribuídos no Brasil, Itália, Uruguai, Argentina, México e Vietnã, a JBS Viva atuará no processamento de peles e na comercialização para os mercados mais exigentes do mundo, ampliando presença e competitividade no mundo todo.

União

O CEO global da JBS, Gilberto Tomazoni, ressalta que a união entre JBS Couros e Grupo Viva resulta em um “negócio ainda mais robusto e preparado para compe-

tir globalmente”. Ele acrescenta que o acordo “abre novas oportunidades para os 7 mil colaboradores” da JBS Couros. Além disso, Tomazoni destaca que a JBS Viva “significa a união de mais de 70 anos de experiência e de reconhecimento internacional”. Já, o líder da JBS Couros, Guilherme Motta, reitera que o acordo demonstra que a “cadeia de couro permanece estratégica, reforçando a visão da JBS de que sustentabilidade e rentabilidade caminham juntas”.

Participação

A JBS ficará com 50% de participação acionária da nova companhia, e o Grupo Viva, formado pelos acionistas da Viposa e da Vancouros, 50%. A JBS Viva terá conselho com participação igualitária entre os dois grupos. O presidente do conselho e o CFO (diretor financeiro) serão indicados pela JBS, enquanto o CEO e COO (diretor de operações) serão indicados pelo Grupo Viva.

A conclusão do negócio está sujeita a condições precedentes usuais a esse tipo de transação e à aprovação dos órgãos competentes.



DIVULGAÇÃO/JBS

Nova companhia tem 31 fábricas e 11 mil colaboradores

“CADEIA ESTRATÉGICA”

Sobre a cadeia do couro permanecer estratégica para a JBS (maior empresa de alimentos do mundo em faturamento e a maior produtora de proteínas do mundo), o líder da JBS Couros salienta que o couro “coproduto natural da cadeia de proteína bovina, ganha nova vida ao ser transformado em uma ampla gama de produtos – de calçados e bolsas a re-

vestimento para automóveis e móveis.”

Com base no DNA de sustentabilidade da JBS Couros, nas demandas dos clientes e nos futuros requisitos dos consumidores para o couro, a empresa lançou, em 2019, uma inovação fabril que se traduz em linhas exclusivas de couro com menor impacto ambiental – os couros Kind Leather.

NEGÓCIO ANTERIOR

O Grupo Viva resulta da fusão entre as empresas brasileiras Viposa (Caçador/SC) e Vancouros (Rolândia/PR). O negócio, aprovado pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) em 2024, resultou em uma companhia com capacidade de processamento de sete milhões de unidades de couro por ano e faturamento na ordem de R\$ 3,1 bilhões. A fusão, que teve como focos o aumento da eficiência operacional e a redução de custos, ocorreu após um período cinco anos de negociações e seis joint ventures.

Curtume declara falência depois de 40 anos

REPRODUÇÃO/GOOGLE STREET VIEW

Um tradicional curtume, que estava há 40 anos no mercado, declarou falência recentemente. A Justiça determinou a liquidação dos ativos e a destituição dos diretores da Dofin, uma das principais empresas do setor coureiro no Uruguai. Desde 2022, a companhia, sediada em Montevidéu, enfrentava problemas financeiros relacionados ao não pagamento de fornecedores.

Quando pediu recuperação judicial, a Dofin informou que os problemas financeiros haviam sido

agravados pelas “flutuações” na demanda internacional de couro, aumento de custos e novas regulamentações ambientais.

Uma assembleia geral de credores, marcada para 5 de maio de 2026, deve determinar a dimensão da insolvência e avaliar as perspectivas de recuperação de parte dos valores devidos pela Dofin.

Fundada em meados dos anos 1980, a companhia teve seu auge na década seguinte com as exportações de couro bovino para Europa, Ásia e Estados Unidos.



Empresa está sediada na cidade de Montevidéu, no Uruguai

MACROECONOMIA

Por Orlando Assunção Fernandes*



2025: o ano do protecionismo

Chegamos ao crepúsculo de mais um ano e é hora de fazermos um balanço do ano que se encerra. O governo federal, ao contrário do que havia sido prometido quando da criação da atual âncora fiscal, continuará registrando déficit primário em 2025, mesmo apesar de ter sido autorizado pelo Congresso Nacional, em mais de uma oportunidade, a executar bilhões de reais de gastos adicionais que não serão incluídos no cálculo da meta fiscal.

Se analisarmos o resultado das contas públicas pelo conceito nominal, ou seja, aquele que leva em consideração, além das despesas primárias, o gasto com o pagamento de juros da dívida pública, o rombo se faz ainda muito maior.

O déficit nominal de 2025 deverá fechar o ano na casa dos 8,5% do PIB com o gasto com os juros sobre a dívida pública, acumulando, nos últimos doze meses terminados em outubro, a impressionante cifra de R\$ 987 bilhões.

A manutenção da mais alta taxa básica de juros em quase 20 anos (taxa selic a 15%), freou o ímpeto de crescimento econômico do país em 2025, o que fará com que o PIB brasileiro desacelere para algo entre 2,0 e 2,5% neste ano (os dados definitivos do PIB de 2025 serão divulgados pelo IBGE apenas em março do ano que vem).

Apesar da desaceleração no nível de atividade econômica, o mercado de trabalho se manteve ainda bastante aquecido e resiliente, com a taxa de desemprego tendo atingido, no trimestre compreendido pelos meses de agosto, setembro e outubro (o dado mais recente disponível) a menor taxa da série histórica (5,4%).

Todavia, foi no front externo que as atenções dos agentes econômicos se concentraram em 2025. O aumento do protecionismo comercial, com a abrupta elevação de tarifas de importação pelos Estados Unidos sobre vários produtos brasileiros, promoveu incertezas e resultou em revisões, para baixo, das perspectivas de crescimento da economia brasileira.

Mesmo diante da recente revisão das tarifas aplicadas aos produtos brasileiros por parte dos EUA e da impressionante capacidade demonstrada pelo setor produtivo brasileiro de se adaptar ao novo cenário (buscando novos mercados para escoar suas exportações), o saldo da balança comercial sofrerá um recuo significativo em 2025, não obstante ainda se manter no campo superavitário.

A despeito deste cenário internacional adverso, a taxa de câmbio percebeu significativa apreciação ao longo do ano, tendo saído dos R\$ 6,20 por dólar em janeiro de 2025 para os atuais R\$ 5,30.

O fortalecimento do real brasileiro ao longo do ano, contribuiu, junto com a elevação da taxa básica de juros, para desacelerar a inflação brasileira que, uma vez mais, ficará acima do centro da meta definido pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), mas abaixo do teto estabelecido (4,5%).

Para o próximo ano, os riscos deverão ir do ambiente externo, das incertezas do cenário político (resultado das eleições presidenciais de outubro) e da trajetória fiscal-financeira do setor público.

*Economista, Mestre em Economia Política e Doutor em Teoria Econômica pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).